

NO LIMIAR

(1863)

Caía a tarde. Do infeliz à porta,
Onde mofino arbusto aparecia
De tronco seco e de folhagem morta,

Ele que entrava e *Ela* que saía
5 Um instante pararam; um instante
Ela escutou o que *Ele* lhe dizia;

– “Que fizeste? Teu gesto insinuante
Que lhe ensinou? Que fé lhe entrou no peito
Ao mago som da tua voz amante?”

10 “Quando lhe ia o temporal desfeito
De que raio de sol o mantiveste?
E de que flores lhe forraste o leito?” –

Ela, volvendo o olhar brando e celeste,
Disse: – “Varre-lhe a alma desolada,
15 Que nem um ramo, uma só flor lhe reste!

“Torna-lhe, em vez da paz abençoada,
Uma vida de dor e de miséria,
Uma morte contínua e angustiada.

20 “Essa é a tua missão torva e funérea.
Eu procurei no lar do infortunado
Dos meus olhos verter-lhe a luz etérea.

“Busquei fazer-lhe um leito semeado
De rosas festivos, onde tivesse
Um sono sem tortura nem cuidado.

25 “E porque o céu que mais se lhe enegrece,
Tivesse algum reflexo de ventura
Onde o cansado olhar esparecesse,

“Uma réstia de luz suave e pura
Fiz-lhe descer à erma fantasia,
30 De mel ungi-lhe o cálix da amargura.

“Foi tudo vão, – foi tudo vã porfia,
A ventura não veio. A tua hora
Chega na hora que termina o dia.

“Entra.” –E o virgíneo rosto que descora
35 Nas mãos esconde. Nuvens que correram
Cobrem o céu que o sol já mal colora.

Ambos, com um olhar se compreenderam.
Um penetrou no lar com passo ufano;
Outra tomou por um desvio. Eram:
40 *Ela* a Esperança, *Ele* o Desengano.

MACHADO DE ASSIS

[*Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 47-49.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.